

I

As estações

Passar o verão com Maquiavel, sério? Que ideia doida. O autor de *O príncipe* não é, propriamente, um escritor de férias, companheiro de sestas estivais. É, antes, um homem de ação, sempre em cima dos acontecimentos, para quem descrever o mundo, abordar os fatos sem ilusão, é ajudar a transformá-lo. “Se me lessem, perceberiam que, durante os quinze anos em que me aprofundei nos assuntos do Estado, não dormi nem me diverti”, disse em 1513, referindo-se a *O príncipe*.

E, de fato, desde sua morte, em 1527, não paramos de lê-lo, apesar das calúnias e das censuras, para que ele nos arranque do torpor. Nisso – por que não? –, Maquiavel é implacável como o sol de verão. É o astro que inspira sua prosa contundente, que lança sobre tudo uma luz tão crua que torna as arestas mais vivas. Nietzsche o disse melhor do que ninguém, em *Além do bem e do mal*: “Ele nos

faz respirar o ar seco de Florença e não consegue evitar a exposição das mais sérias questões ao ritmo de um indomável *allegriissimo*, não sem desfrutar, talvez, de um perverso prazer de artista ao ousar o seguinte contraste: um pensamento embasado, difícil, duro, perigoso, e um ritmo galopante, de um bom-humor endiabrado”.

Mas, se é tudo uma questão de ritmo, como não perceber que aquilo que Maquiavel chama de *qualità dei tempi*, a “qualidade do tempo”, estava no outono de suas certezas? Desde 1494, a Itália estava em guerra. Tão orgulhosa de seu governo cívico, tão certa de sua superioridade cultural, foi alvo de uma violência inédita, a da predação dos grandes Estados monárquicos. É o que se chama de “as guerras da Itália”, um grande desencantamento. E, como a península foi, durante tantos séculos, o laboratório da modernidade política – ou seja, o lugar onde se cria um futuro comum –, todos podem compreender, daí em diante, que aquilo que receberá o nome de Europa não é nada além da guerra que está por vir.

As sombras se alongam, o inverno chega, entorpecendo as almas. Maquiavel conhecia isso muito bem: as palavras geladas sobre os lábios apertados, a impossibilidade de definir aquilo que estamos prestes a nos tornar. Ele conhecia bem o movimento inexorável e lento pelo qual uma língua política se deteriora. Aquela que ele tanto adorou estudar nos livros se tornou inútil para falar, com exatidão, sobre a “verdade efetiva das coisas”. Então, quando o passado recente já não ajuda em nada mais, por que

não voltar a atenção para aqueles que ele chama de “meus queridos romanos”: mergulhar em textos antigos como se fossem um banho refrescante e chamar de “Antiguidade” essa maneira inédita de revitalizar seu futuro?

E não é isso o que chamamos de “Renascença”? Por que não, se queremos abrir bem os olhos em relação a essa primavera que só se veste de cores inocentes e preciosas para aqueles que não sabem perceber a brutal ferocidade de um quadro de Botticelli? Maquiavel é o mestre da perda da inocência. É por isso que ele tem sido, ao longo de toda a história, o melhor aliado nos dias ruins. De minha parte, é difícil dizer que faço um trabalho *sobre* Maquiavel. Mas *com* ele, sim, como se fosse um irmão de armas, certamente; exceto que esse franco-atirador sempre sabe se apresentar em um posto avançado, o que nos obriga a lê-lo não no presente, mas no futuro.

No fundo, algo muito banal: o interesse por Maquiavel sempre renasce ao longo da história nos momentos em que se anunciam tempestades, porque é ele quem sabe filosofar sobre tempos difíceis. Se ainda o relemos nos dias de hoje, é porque existe algo que nos inquieta. Ele retorna e diz: acordem!

2

Maquiavelismo

Dantesco, kafkiano, sádico. Maquiavélico. É um privilégio duvidoso ter uma angústia coletiva batizada com o próprio nome. No verbete “Maquiavel” de seu dicionário, Émile Littré fornece a seguinte apresentação, bem pouco amena: “Figura pública florentina do século XVI que criou a teoria dos procedimentos de violência e tirania utilizados pelos pequenos tiranos da Itália”. Mas logo acrescenta um sentido figurado: “Qualquer estadista sem escrúpulos”. Exemplo: “Os maquiavéis que regem nosso destino”.

Ao empregar o nome de Maquiavel em um sentido figurado, Littré tem uma atitude estranha, porém idêntica à que a própria história adota. O maquiavelismo é aquilo que se interpõe entre Maquiavel e nós. Com efeito, é uma figura que revela e manifesta o mal na política, a terrível carranca daquilo que não queremos encarar, mas para a qual é difícil fechar os olhos. É, antes, uma máscara por

trás da qual desaparece aquele que, nascido em Florença em 1469 e morto em Roma em 1527, se chamava Nicolau Maquiavel.

Pois o maquiavelismo não faz parte da doutrina de Maquiavel, mas daquela que seus mais malignos adversários lhe atribuíram. É, em suma, uma invenção do anti-maquiavelismo. Cinquenta anos depois da morte do autor de *O príncipe*, esse livro infernal que a Santa Inquisição incluiu no *Index*, diversos tratados políticos receberam o título de “antimaquiavel”. O inventor do gênero, em 1576 exatamente, tinha um nome que parecia destiná-lo a lutar contra a maldade do mundo: Innocent Gentillet, advogado e teólogo protestante francês.

Alguns anos mais tarde, foi um brilhante jesuíta, defensor ardente da Contrarreforma católica, que também empreendeu a tarefa de pensar contra Maquiavel – tudo contra ele. Trata-se de Giovanni Botero, inventor do conceito de razão do Estado – conceito que ele pega emprestado espontaneamente de Maquiavel, já que tal razão designa o fato de que o Estado não tem outra lei nem outra necessidade além da preocupação de conservar a si mesmo.

Por conseguinte, o maquiavelismo é como um rio subterrâneo que mina silenciosamente as fundações do pensamento político europeu e encontra, aqui e acolá, pontos de ressurgimento. Maquiavel avança mascarado: podemos reconhecê-lo em alguns codinomes, deduzir suas ideias naquelas que pretendem combatê-lo.

Gustave Flaubert escreveu, mais ou menos à mesma época que Émile Littré, seu *Dicionário das ideias feitas* ou *Catálogo das ideias chiques*. A ordem alfabética coloca, oportunamente, “maquiavelismo” antes de “Maquiavel”. O primeiro termo obscurece o segundo. “Maquiavelismo. Palavra que só se deve pronunciar tremendo.” E em seguida: “Maquiavel. Nunca tê-lo lido, mas considerá-lo um celerado”.

É tudo, portanto, uma questão de ponto de vista. E se nos permitíssemos olhá-lo, sem tremer, e tirar sua máscara para revelar o monstro? Lê-lo para encontrá-lo, ele, que foi um homem de seu tempo de um modo tão intenso e que, por essa mesma razão, não para de se convidar para participar do nosso? Na verdade, não há nada mais fácil, porque Maquiavel não se esconde, a não ser por trás da banalidade de sua existência. Mas, quando fala de si mesmo, é com franqueza suficiente para não diminuir sua solidão, sua alegria e seus receios. Como nestes versos, nos quais desabafa sua preocupação:

Eu espero e a esperança aumenta meu tormento
Eu choro e minhas lágrimas alimentam meu coração aflito
Eu rio e meu riso não consegue me empolgar
Eu queimo e a queimadura não aparece
Eu tenho medo do que eu vejo e ouço
Todas as coisas me trazem uma nova dor
Esperando, eu choro, rio e queimo
E tenho medo do que eu ouço e vejo

1469, o tempo volta

Nicolau Maquiavel nasceu em 3 de maio de 1469, em Florença. Mas o que era Florença em 1469? Uma república onde desfilavam príncipes. Uma república, sim, inflada de soberba, orgulhosa de seu poder e de sua prosperidade, que ornava com reluzentes filigranas latinas a longa experiência comunal que, havia cerca de três séculos, fazia da cidade um modelo de autogoverno. Mas era uma república governada por homens de dinheiro, que se transformava progressivamente em uma oligarquia.

Entre eles, estavam os Médici, ricos banqueiros que, havia mais de trinta anos, dominavam o governo com sua influência. O fundador da dinastia se chamava Cosimo. Ele soube agir discretamente, sob a proteção de seu partido e de sua clientela. Vivia bem longe do fausto da corte, sobriamente, com a gravidade que cai bem aos poderosos que sabem se fazer passar por pais da pátria. Seu

filho, Piero, lhe sucedeu em 1464, desfazendo-se pouco a pouco de seus pudores republicanos. Naquele 1469, cinco anos depois, todo mundo em Florença sabia que ele estava doente. Em 2 de dezembro, morreria. Então surge Lorenzo, o neto. Tinha vinte anos e representava o futuro da linhagem. Logo o apelidariam de “o magnífico”, tamanha a insolência de seus gastos. Vestia-se, impetuoso, como um monarca. Como não reparar nas pérolas e nas pedrarias que adornavam, às centenas, seu chapéu de veludo? Paramentado como um príncipe, ele se expõe – ou seja, como mais tarde compreenderá Maquiavel, ele se exhibe e põe a si mesmo em perigo.

Perigo, que perigo? Para distrair a juventude de ouro da cidade toscana, faz-se, naquele 7 de fevereiro de 1469, um torneio – jogos de guerra que faziam o cotidiano da vida política das comunas italianas parecer pouco mais do que um simulacro refinado. Uma procissão suntuosa e fútil como um passo de dança. Nada de violência aqui, a não ser aquela do espetáculo da dominação. Sob o olhar invejoso daqueles que o observam, Lorenzo empunha seu belo estandarte. Nele, pode-se ler seu lema, escrito em letras de ouro, naquela língua francesa dos romances de cavalaria que ainda faziam sonhar todas as elites europeias: “o tempo volta”.

É, portanto, nisso que consiste a Renascença: um verdejar, o vigor renovado de uma eterna primavera, a Itália que encontra sua idade de ouro ao abrir uma pesada cortina de trevas. É preciso a energia juvenil desse

jovem príncipe para afrontar o tempo que renasce. Não o passado, mas sua parte ativa, vivaz e criativa que o latim dos humanistas denomina *antiquitas*, em oposição a tudo o que é vetusto, ultrapassado e obsoleto. Mas será que esse belo hoje que se anuncia será diferente da encenação paródica de um passado repleto de fantasmas?

Lemos *A sociedade do espetáculo*, livro profético que Guy Debord escreveu em 1967. Deveríamos, portanto, estar prevenidos a respeito dos efeitos perniciosos da excitação fervorosa pela qual o fetichismo da mercadoria se faz aclamar. Mas nada foi feito, os profetas jamais evitam as grandes catástrofes. Entre aqueles que se formavam na Florença de 1469, ninguém percebeu os indícios. Maquiavel nasceu no dia 3 de maio, três meses depois do triunfo de Lorenzo, e logo foi tomado pela sensação de ter nascido tarde demais. Restava-lhe, portanto, a lucidez, que é a arma dos desesperados.